



## **EDITORIAL DOSSIÊ ARTE E ESOTERISMO**

Desde o Paleolítico Superior que a arte, não só deu testemunho do nascimento da humanidade como, serviu para o humano se relacionar magicamente com o cosmos. Obras de arte da maior qualidade de todos os tempos foram criadas nessa época e ainda hoje o mistério permanece. Defender que a magia nasceu antes do fogo significa que foi esta quem potenciou a arte e a criação dos primeiros engenhos. Potenciados pela crença primordial de que a vontade pode influenciar o mundo exterior, estes humanos criaram as pinturas rupestres, as esculturas de Vénus, os dólmenes, as máscaras animistas, os totens, e tantas outras manifestações do sagrado, em que o humano se hibridiza e se conecta como artista, feiticeiro, xamã, em contacto com os seus antepassados, com o fundo do ser, com o inefável.

A arte constitui, tal como muitas áreas do saber, um veículo de expressão e de comunicação de conhecimentos interiores, sendo considerada pela Gnosis uma das quatro colunas do conhecimento, em conjunto com a Ciência, a Filosofia e a Religião. Podemos encontrar, da Antiguidade à Contemporaneidade, em templos, pinturas, esculturas, na música, na literatura e poesia, muitos testemunhos de como os artistas plasmaram, numa linguagem vivificante, intuições de uma ciência tendencialmente mística e dialética. Artistas de todos os tempos transmitiram os ancestrais segredos do ocultismo através da arte, encontrando nesta um caminho de liberdade, um caminho seguro contra a censura e contra o domínio do logos.

Assim, o esoterismo encontrou inegavelmente na arte, pelo seu caráter imagético e metafórico e não textual ou literal, um território de difusão e promoção extremamente fértil. Neste dossiê desafiámos os investigadores a explorar a relação da arte com o esoterismo numa dupla vertente: como revelação e como divulgação de um saber hermético, tentando assim acabar com as ciências da arte de modo lato, passando pela práxis, à poética e à reflexão crítica.

Para este dossiê foram selecionados 13 artigos que se debruçaram sobre o tema Arte e Esoterismo e suas reflexões e produções históricas e contemporâneas.

No tarô a carta 13, A Morte (ou Arcano sem Nome), é o Arcano das Transmutações e da Vida Eterna. A alegoria da morte representada como um esqueleto com uma foice tem uma ampla popularidade enquanto metáfora moralizante tão presente na História da Arte nas danças macabras, em representações do Apocalipse, entre outras.

O treze considerado vulgarmente o número do azar: lembremos a antiga surpestição de não sentar um grupo de 13 pessoas a uma mesa, ideia que tem seu antecedente na Última Ceia. Todavia, para além deste significado muito popularizado desde a Idade Média, existe um outro significado simbólico muito mais antigo, que é o de representar o número 13 a unidade superadora do duodecimal, ou seja, a morte necessária do ciclo completo: um renascimento.

A morte tem relações simbólicas com os quatro elementos, especialmente com a terra enquanto processo de transmutação material. Assim o arcano 13 é aquele que



traz as transformações necessárias, na maior parte das vezes doloridas e sofridas, mas com o propósito de integrar corpo, alma e espírito. No tarô, simboliza sobretudo o fim de um ciclo: morrer para o que nos limita, abrindo caminho à renovação, transmutação, a novos espaços de realização.

Acreditamos então que este significado simbólico do arcano 13, foi especialmente simbólico, na medida em que este dossiê contribui significativamente também para uma transmutação de valores no meio acadêmico, em que cada vez mais o interesse se dirige a estes temas com um olhar renovado e dirigido a um novo ciclo: mais integrativo e consistente para a pesquisa do esoterismo no meio acadêmico.

Trazemos aqui os resumos dos artigos desse dossiê iniciando com o **E se você for artista mago(a)?** (Nadam Guerra) indagando sobre a relação e os pontos de contato entre Arte e Magia, buscando o que há de comum entre o artista e o xamã. O texto traz a genealogia do conceito de Magia e de Arte através da antropologia, da psicologia ao esoterismo, investigando a possibilidade de uma arte mágica nos dias de hoje.

O artigo **O Sigilo Mágico na Arte Contemporânea: os casos Barry William Hale e Elijah Burgher** (Lucas Fier) trata sobre os símbolos produzidos com propósitos mágicos desde a antiguidade em diferentes tradições esotéricas. Essa forma de operação mágica foi popularizada pelo artista inglês Austin Osman Spare, na primeira metade do século XX unindo a tradição com sua própria poética. Desde então sua técnica foi incorporada em tradições mágicas contemporâneas. Dois artistas são apresentados como representantes dessa tendência: o australiano Barry William Hale, cujo trabalho une diversas tradições europeias e afro-americanas e o estadunidense Elijah Burgher, que estabelece através do seu trabalho uma relação entre desejo, magia sexual e homossexualidade.

Segue-se o trabalho **Contaminações Mágicas: (In)Corporações Através da Linguagem da Maquiagem nas Artes da Cena** (Marcio Ricardo Desideri) em que, através da linguagem da maquiagem nas artes da cena contemporânea, são investigadas as “contaminações mágicas” que se constituem de (in)corporações, de acordo com a teoria do corpomídia, de Elena Katz e Cristina Greiner. Sob a ótica do esoterismo, o autor direciona os processos de (in)corporações e relaciona suas origens, os símbolos, os rituais, as máscaras e os objetos com o arcaico na contemporaneidade, os desdobramentos, as multiplicidades que atravessam o corpo onde são analisadas as tensões com a máscara e a maquiagem no processo de contaminação.

**AyahuayA: Processos inconscientes, arte e espiritualidade** (Matheus Moura Silva) faz parte de um estudo onde foram produzidas 14 histórias em quadrinhos a partir do uso de Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC). Entre eles a história AyahuayA que foi a escolhida para fazer parte do dossiê por se tratar de um encontro com um ser espiritual durante transe psicodélico. A história busca expor visões obtidas por ingestão de Ayahuasca com propriedades psicodélicas e usada em rituais espirituais que influenciaram a experiência. AyahuayA.



O artigo **Tarô e Arcanos Maiores: componentes simbólicos da narrativa textual do conto “História da Redenção da Pobreza” de Eduardo Galeano** (Leticia de Fátima Arruda) relata e discute o uso do Tarô com foco nos arcanos maiores para compreender a narrativa textual da obra literária de Eduardo Galeano em seu livro *Palavras andantes*, especialmente no conto “História da Redenção da pobreza”. Galeano conta a história de uma vila e suas dificuldades de sobreviver, até que, em certo momento, um homem de nome Felicinto encontra um emaranhado de dificuldades em seu trajeto na vida, sendo que o uso do Tarô vem simbolizar alguns personagens e suas ações, cujo objetivo é auxiliar e prever o futuro.

No trabalho **Arte esotérica relacionada aos mistérios da vida e da morte** (Ricardo Uhry) é possível considerar que as diferentes perspectivas artísticas relacionados aos mistérios da vida e da morte nos trazem uma primeira reflexão sobre o imaginário budista tibetano, o imaginário indiano do Bhagavad Gita, o imaginário egípcio antigo (e seus reflexos atuais no imaginário rosacruz), o imaginário católico brasileiro e um recorte estético-artístico de panorama internacional que se choca com nosso imaginário da morte. Pode-se assim sugerir que as imagens artísticas são fundamentais em tais concepções esotéricas, a partir de uma sintética interpretação semiótica.

O artigo **Via Corporis: conexões entre tradições esotéricas, vida e bordado** (Maria Virginia Gapski Giordani, Elisa Peres Maranhão, Keila Kern) apresenta parte do processo de criação e elaboração da instalação produzida em arte têxtil *Via corporis*. A criação dos bordados os quais denominam-se “peles”. No referencial estético é trazido as obras de Julia Panadés e Bené Fonteles, ambos artistas brasileiros que trabalham com arte têxtil e usam do conceito de sudário e ritual em seus processos artísticos. São apresentadas as possíveis relações de *Via corporis* com as esferas do ritual e da magia tendo como base as obras de Leonora Carrington e Bené Fonteles, apresentando outros artistas que também trouxeram para obras elementos do esoterismo. Concluindo a discussão com o conceito de profanação tratado por Giorgio Agamben. Em diálogo com esse texto se observa que a instalação se constitui num limiar de transgressão tanto dos rituais de visitas de exposições de arte quanto do ritual da própria *Via crucis*, promovendo um atravessamento de ambas as esferas, da arte e do rito.

**Mapear as inter-relações entre Arte e Esoterismo** (Fernando Alvarez) o teor deste artigo seria impensável alguns anos atrás, mesmo na academia. Por sorte, as ideias, os pontos de vista e inclusive os paradigmas, evoluem. A amplitude e a ambiguidade do tema, possibilitam um devaneio a procura de elos entre fatos – o objeto artístico – e pressupostos – as ideias por trás deles. De fato, após dois milênios de raciocínio e pensamento crítico, continuamos, como bem diz Mc Evilly, no ponto de partida. Assim pois, o presente artigo pretende apenas mapear, a maneira de um esboço, os desdobramentos possíveis a serem aprofundados.

**Goddess of the Jewelled Web the transmission of the Transpersonal in Visionary Art** (Daniel Mirante) por meio de um interdiscurso entre conceitos estabelecidos e mitologias liminares, são feitas tentativas de exploração de como a arte visionária transmite e perpetua símbolos de experiências transpessoais na cultura. Usando o



conceito de memes, unidades culturais que são transmitidas por meio de imitação e replicação, é explorado como a arte visionária facilita e comunica experiências liminares com impacto transformador sobre realidades estabelecidas.

Mais um artigo voltado às histórias em quadrinhos, forte instrumento de comunicação em narrativas: **O Álbum Oráculos: criando quadrinhos poético-filosóficos inspirados no I Ching** (Edgar Silveira Franco), o álbum reuniu 10 histórias em quadrinhos (HQs) curtas criadas pelo quadrinhista Edgar Franco (Ciberpajé) ao longo de 20 anos e publicadas inicialmente em revistas alternativas e fanzines. Essas HQs foram desenvolvidas inspiradas em 2 oráculos, 4 delas tendo como base hexagramas do oráculo milenar chinês I Ching, e 6 delas baseadas em arcanos maiores do Tarô. As HQs publicadas no álbum incluem as características basais do gênero poético-filosófico dos quadrinhos e um processo criativo peculiar. A unicidade de cada uma delas diz respeito à forma com que foram criadas unindo a resposta do Oráculo - após a sua consulta -, a relação de significado percebida pelo autor a partir de sua experiência de vida naquele momento -, e a geração de uma breve narrativa metafórica que conectou o sentido do oráculo com a transformação da realidade ordinária desejada pelo criador. Esse processo criativo diferenciado transforma a criação em um ato para além de catártico, um ato de autotransformação, caracterizando essas HQs como Quadrinhos Expandidos (FRANCO, 2017). Esse artigo conceitua os quadrinhos poético-filosóficos e apresenta os processos criativos das 4 HQs inspiradas no I Ching publicadas em Oráculos.

De autoria de um pesquisador na área, ex-coordenador da URCI (Universidade Rose Croix Internacional), o artigo **Esoterismo e Arte: A Perspectiva Egípcia Iniciática da Antiga e Mística Ordem Rosacruz – AMORC** (Luiz Eduardo V. Berni) parte de diferentes fontes: bibliográfica, entrevista e documentos, principalmente fotográficos, visando apresentar um panorama da arte egípcia na arquitetura, escultura e pintura do esoterismo templário da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC. Como fontes bibliográficas, para situar o esoterismo praticado pela organização, utilizaram-se referências clássicas da Ciências das Religiões, bem como da História e História da Arte egípcia. A apresentação da AMORC, todavia, pautou-se por referências da própria Ordem, visto que é a partir dessa autoidentificação com a cultura e o misticismo egípcio que se dá a busca pelos elementos da arte egípcia materializados nas construções templárias. No estudo, pautou-se inicialmente pelos elementos arquitetônicos do início do século XX nos EUA, porém, concentra-se na arte produzida pelos próprios membros da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC (LSP), a mais antiga do Brasil, pois, a exemplo do que acontecia (e acontece) no âmbito das construções sagradas, a materialização dos anseios de sua arte se concretiza pelas mãos de seus próprios membros.

A artista, professora, pesquisadora Cristina Mendes traz neste trabalho o resultado de sua criação artística. O artigo **Adaptação criativa nas imagens do Tarô do Terreiro de Umbanda Pai Maneco**. O objetivo deste artigo é apresentar partes do processo de criação em que são identificadas a atuação/inspiração espiritual. Para tanto são levantadas questões acerca das formas de comunicação entre sagrado e religiosidade (ELIADE e HOOKS), destaca-se características dos processos tradutórios criativos (CAMPOS, PLAZA e SCHNAIDERMAN) e lança-se luz sobre o valor da dúvida nos



processos poéticos contemporâneos (FERVENZA, SALLES e TESSLER). Se indaga acerca do transitar sógnico identificado na realização das pinturas digitais, considerando a importância de tal ato para a difusão de uma religião de base afro-indígena-brasileira. Sob a ótica de uma crítica engajada e amorosa (HOOKS), acredita-se aprofundar relações dialógicas com as entidades espirituais por meio da pintura e da breve interpretação das cartas. A pesquisa oriunda da criação do Tarô se justifica pelo respeito à ancestralidade mágica e valorização da diversidade de credos não hegemônicos, elementos basilares para a potencialização da abordagem decolonial na cultura e na arte brasileiras.

Finalmente o artigo **O Eu como produto ideológico: Bakhtin aplicado** (Ricardo Epifanio, Bruna Torquato). Neste artigo são usadas as formulações semióticas e estéticas desenvolvidas por Bakhtin, principalmente nas suas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal*, para analisar qual a função tanto da arte quanto do esoterismo no que diz respeito a criação de si. Ou seja, busca-se compreender como esses dois domínios de criação ideológica ensejam a criação de si, vista como um processo artístico de produção e reprodução. Para tanto, será lançado mão de dois autores, cada um considerado sob o seu domínio ideológico correspondente. Na arte, foi escolhido Marcel Proust, autor de *Em Busca do Tempo Perdido*. No esoterismo, Carl Gustav Jung, em razão da recente publicação de seu (até então privado) *Livro Vermelho* ou *Liber Novus*, o livro no qual ele registrava suas autoexperimentações. Foram aplicadas as elaborações teóricas de Bakhtin em ambos, de modo a revelar a figura dessa interação entre o eu e o mundo enquanto um processo de produção semiótica. Mais especificamente, procurou-se o espaço no qual é possível deixar de apreender a ideologia passivamente, mas antes ativamente participar da história.

Desejamos uma boa leitura!

Profa. Dra. Teresa Lousa  
(FBAUL - Lisboa)

Prof. Dr. José Eliézer Mikosz  
(UNESPAR)